



VIDA NOVA

*Uma teologia  
bíblica sobre  
o lugar da  
habitação  
de Deus*

# O TEMPLO E A MISSÃO DA IGREJA

G. K. BEALE

A importância desse livro está não só em sua análise competente do tema do templo, mas também em sua exposição inspiradora do assunto. Beale dá um exemplo de como se deve fazer teologia bíblica e, com habilidade, leva o leitor a perceber coisas novas e maravilhosas nas Escrituras.

**D. A. CARSON**, professor-pesquisador da Trinity Evangelical Divinity School e autor de *Soberania divina e responsabilidade humana, A última oração de Jesus*, além de outros livros publicados por Vida Nova

Beale escreveu uma abrangente e, em minha opinião, plausível teologia bíblica acerca do papel do templo nas Escrituras e na cultura do antigo Oriente Próximo.

**DAVID RENWICK**, *Lexington Theological Quarterly*

Recomendo esse livro a todos que querem compreender melhor as questões escatológicas e os textos sobre o templo. Quanto a mim, pretendo sempre recorrer a essa obra como um guia metodológico quando estiver lidando com teologia bíblica.

**TIM BARKER**, *Truth on Fire blog*



# O TEMPLO E A MISSÃO DA IGREJA



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

Beale, G. K.

O templo e a missão da igreja : uma teologia bíblica sobre o lugar da habitação de Deus / G. K. Beale ; tradução de Lucília Marques. - São Paulo : Vida Nova, 2021.  
480 p.

ISBN 978-85-275-0997-8

Bibliografia

Título original: The temple and the church's mission: a biblical theology of the dwelling place of God

1. Bíblia - Teologia 2. Cristianismo 3. Deus 4. Missão da igreja  
I. Título II. Marques, Lucília

19-2817

CDD 220.64

**Índices para catálogo sistemático**

1. Bíblia - Teologia

  
VIDA NOVA

TRADUÇÃO  
LUCÍLIA MÂRQUES

*Uma teologia  
bíblica sobre  
o lugar da  
habitação  
de Deus*

# O TEMPLO E A MISSÃO DA IGREJA

**G. K. BEALE**

©2004, G. K. Beale

Título do original: *The temple and the church's mission: a biblical theology of the dwelling place of God (New Studies in Biblical Theology)*, edição publicada por APOLLOS, divisão da INTER-VARSITY PRESS (Nottingham, Reino Unido).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por  
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA  
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020  
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2021

Proibida a reprodução por quaisquer meios,  
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram extraídas da Almeida Século 21. As citações foram traduzidas diretamente da New American Standard Bible (NASB). As com indicação da versão *in loco* foram traduzidas diretamente da New International Version (NIV) e da New King James Version (NKJV) ou extraídas da Almeida Revista e Atualizada (ARA) e da Nova Versão Internacional (NVI). Citações bíblicas com a sigla TA referem-se a traduções feitas pelo autor a partir do original grego/hebraico. Todo grifo nas citações bíblicas é de responsabilidade do autor.

---

DIREÇÃO EXECUTIVA  
Kenneth Lee Davis

GERÊNCIA EDITORIAL  
Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO  
Tiago Abdalla T. Neto  
Marcia B. Medeiros

PREPARAÇÃO DE TEXTO  
Rafael Caldas

REVISÃO DE PROVAS  
Gustavo N. Bonifácio

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO  
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO  
Aldair Dutra de Assis

CAPA  
Wesley Mendonça

---

# SUMÁRIO

<i>Prefácio do autor</i> . . . . .	9
<i>Prefácio de Mary Dorinda Beale</i> . . . . .	13
<i>Reduções gráficas</i> . . . . .	17
<b>Introdução</b> . . . . .	21
A visão final do Apocalipse e suas implicações para uma teologia bíblica do templo . . . . .	21
Um breve comentário sobre a abordagem interpretativa deste livro . . . . .	24
<b>1. Simbolismo cósmico dos templos no Antigo Testamento</b> . . . . .	27
A concepção do Antigo Testamento sobre o Templo terreno de Israel como um reflexo do templo celestial ou cósmico . . . . .	29
A concepção do judaísmo sobre o simbolismo do templo . . . . .	44
Conclusão: o simbolismo do templo no Antigo Testamento e no judaísmo . . . . .	47
O Templo de Israel interpretado segundo a concepção do antigo Oriente Próximo de que o Templo terreno era um reflexo do templo celestial ou cósmico . . . . .	49
O “descanso” divino após a criação do cosmo e depois da construção do santuário . . . . .	60
O Tabernáculo e o Templo terrenos de Israel como reflexos e recapitulações do primeiro templo no jardim do Éden . . . . .	66
<b>2. O propósito expansionista dos templos no Antigo Testamento</b> . . . . .	83
O papel real e sacerdotal da humanidade ao servir a Deus no templo . . . . .	83
A expansão cósmica do santuário do jardim por meio do governo de Adão como rei-sacerdote segundo a imagem de Deus . . . . .	83
O conceito do antigo Oriente Próximo da expansão cósmica dos templos por meio do governo de reis-sacerdotes segundo a imagem de uma divindade . . . . .	90
A comissão de Adão como rei-sacerdote designado para governar e expandir o templo é transmitida a outros . . . . .	96

<b>3. O propósito escatológico de expansão dos templos no Antigo Testamento</b> . . . . .	127
A concepção do Antigo Testamento . . . . .	127
As concepções dos primeiros comentaristas judeus. . . . .	160
Considerações finais a respeito das concepções do judaísmo e do Antigo Testamento sobre um jardim ou templo que se expande . . . . .	172
<b>4. O cumprimento “já e ainda não” do templo escatológico em Cristo e seu povo: os Evangelhos</b> . . . . .	175
Introdução . . . . .	175
Jesus como o Último Adão e o templo da nova criação nos Evangelhos Sinóticos . . . . .	177
Excursão: Um antigo texto patrístico que relaciona a comissão adâmica a Cristo e à igreja como templo em construção . . . . .	187
Jesus como o templo da nova criação em João . . . . .	200
<b>5. A inauguração de um novo templo no livro de Atos</b> . . . . .	209
A descida do novo templo sob a forma do Espírito em Pentecostes . . . . .	209
Cristo como a pedra angular do novo templo . . . . .	224
Cristo como o novo templo emergente: o testemunho de Estêvão . . . . .	225
Cristo como o novo templo emergente: o testemunho de Tiago. . . . .	242
Conclusão . . . . .	254
<b>6. A inauguração de um novo templo nas Epístolas de Paulo</b> . . . . .	255
1Coríntios 3 . . . . .	255
2Coríntios. . . . .	263
Efésios . . . . .	269
Colossenses. . . . .	274
<b>7. O templo em 2 Tessalonicenses 2</b> . . . . .	279
O conteúdo do falso ensino em Tessalônica . . . . .	279
O sinal profetizado da futura apostasia final. . . . .	281
O sinal profetizado do futuro Anticristo no templo . . . . .	282
O começo do cumprimento da profecia sobre a profanação do templo pelo Anticristo na igreja de Tessalônica . . . . .	295
Conclusão: Será que Paulo espiritualiza a profecia de Daniel sobre o templo? Uma abordagem “literal” <i>versus</i> “histórico-redentora” . . . . .	300
<b>8. A inauguração de um novo templo em Hebreus</b> . . . . .	305
O templo em Hebreus 8 . . . . .	306
Cristo como o véu do tabernáculo celestial do fim dos tempos. . . . .	312
Cristo como o próprio tabernáculo celestial do fim dos tempos . . . . .	314
O “monte Sião” e a “Jerusalém celestial” como equivalentes ao templo do fim dos tempos . . . . .	314

Excurso: Outras reflexões bíblico-teológicas relacionadas ao argumento do livro de Hebreus de que o templo eterno do fim dos tempos não pode ser “feito por mãos” . . . . .	321
<b>9. O templo de Apocalipse que abrange o mundo inteiro . . . . .</b>	<b>327</b>
A igreja como o templo escatológico em Apocalipse 11.1-4. . . . .	327
Outros textos em Apocalipse que ajudam a entender o templo do final dos tempos em Apocalipse 11, 21 e 22. . . . .	342
A igreja como o templo escatológico em 1Pedro 2 e sua relação com o templo de Apocalipse . . . . .	346
Excurso: Sobre Cristo como a pedra fundamental do templo e, portanto, da nova criação à luz do pensamento do antigo Oriente Próximo, do Antigo Testamento e do judaísmo . . . . .	348
<b>10. O templo em Ezequiel 40—48 e sua relação com o Novo Testamento . . . . .</b>	<b>351</b>
As ligações contextuais dos capítulos 40—48 no livro de Ezequiel que indicam que o templo do fim dos tempos não tem uma estrutura física . . . . .	352
As descrições dos capítulos 40—48 que indicam que o templo do fim dos tempos não tem uma estrutura física . . . . .	356
A cidade-templo de Apocalipse 21 é o cumprimento da visão de Ezequiel? . . . . .	363
Conclusão . . . . .	371
Excurso: Outras considerações sobre a natureza da visão de Ezequiel do templo . . . . .	371
<b>11. Conclusões teológicas: O Templo físico como prefiguração da presença de Deus e de Cristo como o verdadeiro templo. . . . .</b>	<b>385</b>
A etapa escatológica consumada do templo mundial descrito em Apocalipse 21.1—22.5 . . . . .	385
Reflexões hermenêuticas sobre a relação teológica do templo do Antigo Testamento com o templo no Novo Testamento . . . . .	393
Reflexões teológicas sobre a relação do templo do Antigo Testamento com o templo no Novo Testamento . . . . .	406
Conclusão . . . . .	413
<b>12. Reflexões sobre o Éden e o templo e suas implicações práticas para a igreja do século 21. . . . .</b>	<b>415</b>
<i>Bibliografia . . . . .</i>	<i>425</i>
<i>Índice de passagens bíblicas . . . . .</i>	<i>443</i>
<i>Índice de fontes antigas . . . . .</i>	<i>463</i>
<i>Índice onomástico . . . . .</i>	<i>473</i>



## PREFÁCIO DO AUTOR

Este livro nasceu de um excuro de três páginas sobre Apocalipse 22.1,2 em meu comentário de Apocalipse (veja Beale 1999a: 1109-11). Em 2001, eu ampliei o excuro e o transformei em um longo artigo, que foi lido no Tyndale Fellowship Study Group on Biblical Theology [Grupo de Estudo de Teologia Bíblica da Tyndale Fellowship], em Cambridge, Inglaterra (cujo tema era “A teologia bíblica do templo”). O artigo, juntamente com outros textos da conferência, foi publicado posteriormente (veja Beale, 2004). Agradeço aos organizadores do Tyndale Study Group pela oportunidade de apresentar aquele artigo e por incluí-lo no volume publicado com os artigos da conferência.

O texto ampliado ainda era apenas um breve esboço preliminar do que eu tinha em mente como uma teologia bíblica do templo. Portanto, comecei a escrever um trabalho em escala mais ampla. Descobri que alguns dos capítulos do livro precisam de mais elaboração, mas chega uma hora em que é preciso parar.

Este livro tem sido o projeto de pesquisa mais empolgante em que já trabalhei. Ele abriu meus olhos para temas que antes eu havia observado apenas vagamente. Em particular, tenho entendido mais claramente que temas como o Éden, o templo, a presença gloriosa de Deus, a nova criação e a missão da igreja são, em última análise, facetas da mesma realidade! Espero que a perspectiva bíblico-teológica deste livro forneça mais combustível para manter vivo o ardor da igreja no cumprimento de sua missão no mundo.

Não tenho palavras para agradecer à minha esposa, Dorinda, que discutiu comigo a teologia do templo durante os últimos dois anos, e continua tão animada quanto eu sobre o assunto. Ela tem sido um dos principais instrumentos que me permitiram entender esse tema com mais profundidade.

Tenho, também, uma grande dívida com Don Carson, o editor dessa série. Don investiu tempo significativo na leitura e avaliação cuidadosa do manuscrito. Suas sugestões de revisão foram inestimáveis e definitivamente fizeram desta obra um livro melhor do que teria sido sem sua ajuda! Além disso, seu incentivo

quanto à viabilidade do projeto ao longo do processo editorial motivou-me a concluí-lo. Juntamente com Don Carson, devo mencionar Philip Duce, editor de livros teológicos da IVP na Inglaterra, que também leu o manuscrito e ofereceu sugestões de melhoria e apoio. Sou grato tanto a Don quanto a Philip por aceitarem o livro para publicação. Sou igualmente grato a Jeff Niehaus, Gordon Hugenberg, Dan Master, John Monson e John Walton por lerem e comentarem partes deste livro, bem como por me alertarem sobre algumas fontes do Antigo Testamento e do AOP.

Agradeço, também, à igreja College Church (em Wheaton), que me pediu para pregar o sermão do Domingo de Missões, no outono de 2001, sobre o assunto deste livro (e me convidou para ensinar sobre o tema em outros eventos da igreja). Tentar refinar o material para apresentá-lo à comunidade da igreja foi essencial para que eu o compreendesse ainda melhor. Além disso, ter podido ensinar o assunto na igreja Park Woods Presbyterian Church (Kansas City), na Wheaton College Graduate School, na The Greek Bible School of Athens (Grécia), na Evangelical Theological College of Addis Ababa (Etiópia) e no Bethlehem Theological Institute (Mineápolis, Estados Unidos) foi de enorme benefício, especialmente por causa das perguntas dos alunos, que me ajudaram a formular melhor minhas perspectivas.

Também gostaria de agradecer aos seguintes alunos de pesquisa que ajudaram a pesquisar ou conferiram e editaram o manuscrito deste livro: John Kohler, Ben Gladd, Stephen Webster, Kevin Cawley (particularmente sua pesquisa sobre o judaísmo antigo) e Todd Wilson. Sou especialmente grato a Greg Goss por seus comentários estilísticos e outras sugestões para melhorar a clareza do livro. Também devo agradecer a David Lincicum pela elaboração dos índices do livro.

Acima de tudo, agradeço a Deus por me capacitar para conceber a ideia deste livro e por me dar a energia e a disciplina necessárias para escrevê-lo. Oro para que a glória de Deus se manifeste ainda mais por causa da leitura deste livro.

Alguns comentários sobre aspectos estilísticos do livro são necessários. A versão bíblica utilizada é a New American Standard Bible, exceto quando indico outras versões. Em alguns casos, ofereço minha própria tradução. A respeito de todas as traduções de obras antigas, quando a tradução difere das edições padrão geralmente referenciadas, esta foi feita por mim ou por alguma outra pessoa (no último caso, indicarei quem foi o tradutor).

As referências ao Novo Testamento grego são de NA<sup>27</sup>. Ao fazer referências à Septuaginta, refiro-me ao texto grego de *The Septuagint Version of the Old*

*Testament and Apocrypha with an English Translation*, que se baseia no Codex B. Isso permitirá que os leitores que não sabem grego sigam a Septuaginta em uma edição em inglês amplamente disponível. Por vezes, é feita referência à *Septuaginta*, edição de A. Rahlfs, que é o texto eclético padrão para a Septuaginta.

Minhas referências aos Manuscritos do Mar Morto vêm principalmente de A. Dupont-Sommer, ed., *The Essene writings from Qumran*, tradução para o inglês de G. Vermes (Oxford: Basil Blackwell, 1961); a referência a materiais publicados mais recentemente vem da nova edição de F. G. Martínez, *The Dead Sea Scrolls translated* (Leiden: Brill, 1994), e, às vezes, faço referência a *Dead Sea Scrolls study edition*, edição de Florentino García Martínez e Eibert J. C. Tigchelaar (Leiden: Brill, 2000). Além dessas, outras traduções dos MMM foram consultadas e, às vezes, preferidas nas citações, embora em outros trechos as variações em relação a Dupont-Sommer ou Martínez se devam à tradução do próprio autor.

As fontes primárias de várias obras judaicas foram normalmente referenciadas, e às vezes citadas, nas seguintes edições em inglês: *The Babylonian Talmud*, edição de I. Epstein (London: Soncino, 1948); *The Talmud of the land of Israel: a preliminary translation and explanation* (the Jerusalem Talmud), edição de Jacob Neusner (Chicago: University of Chicago Press, 1982-), vols. 1-35; *Mekilta de-Rabbi Ishmael*, edição de Jacob Lauterbach (Philadelphia: Jewish Publication Society of America, 1976), vols. 1-3; *The fathers according to Rabbi Nathan*, tradução para o inglês de J. Goldin (New York: Schocken Books, 1955); *The Midrash on Proverbs*, tradução para o inglês de Burton Visotzky (New Haven: Yale University Press, 1992); *The Midrash on Psalms*, tradução para o inglês e edição de William Braude (New Haven: Yale University Press, 1976); *Midrash Rabbah*, edição de H. Freedman; Maurice Simon (London: Soncino, 1961), vols. 1-10; P. P. Levertoff, ed., *Midrash Sifre on Numbers*, in: *Translations of early documents*, Series 3, Rabbinic texts (London: SPCK, 1926); *Midrash Tanhuma*, edição de John Townsend (Hoboken: KTAV, 1989), vols. 1-2; *Midrash Tanhuma-Yelammedenu: an English translation of Genesis and Exodus from the printed version of Tanhuma-Yehammedenu with introduction, notes, and indexes*, tradução para o inglês de Samuel Berman (Hoboken: KTAV, 1996); *The minor tractates of the Talmud*, edição de A. Cohen (London: Soncino, 1965); *The Mishnah*, edição de Herbert Danby (Oxford: Oxford University Press, 1980); *The Old Testament Pseudepigrapha*, edição de James Charlesworth (Garden City: Doubleday, 1983) (embora às vezes eu faça referências ao vol. 2 de *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*, edição de

R. H. Charles [Oxford: Clarendon, 1977]); *The Pesikta de-Rab Kahana*, edição de William Braude; Israel Kapstein (Philadelphia: Jewish Publication Society of America, 1975); *Pesikta Rabbati*, edição de William Braude (New Haven: Yale University Press, 1968); *Pirke de Rabbi Eliezer*, edição de Gerald Friedlander (New York: Hermon Press, 1916); *Sifre: a tannaitic commentary on the book of Deuteronomy*, edição de Reuven Hammer (New Haven: Yale University Press, 1986); *Tanna debe Eliyyahu*, edição de William Braude; Israel Kapstein (Philadelphia: Jewish Publication Society of America, 1981); *The targums of Onkelos and Jonathan Ben Uzziel on the Pentateuch, with the fragments of the Jerusalem Targum, on Genesis and Exodus*, edição de J. W. Etheridge (New York: KTAV, 1968); os volumes publicados disponíveis de *The Aramaic Bible: the targums*, edição de Martin McNamara.

As referências a antigas obras gregas, especialmente de Filo e Josefo (incluindo as traduções em inglês), são da Loeb Classical Library. Referências e algumas traduções em inglês dos pais apostólicos foram extraídas de M. W. Holmes, org., *The Apostolic Fathers* (Grand Rapids: Baker, 1992).

G. K. Beale

## PREFÁCIO DE MARY DORINDA BEALE

Você já parou para pensar sobre algumas pessoas descritas na Bíblia? Algumas delas, francamente, parecem sobre-humanas, não muito reais. Por exemplo, parece estranho que Paulo e Silas tenham cantado na prisão. Eu cantaria se estivesse na prisão? Eu teria a atitude descrita em Hebreus 10.34, em que os cristãos aceitaram “com alegria” o confisco de seus bens? Eu ficaria feliz se as autoridades viessem e tomassem minha casa? A passagem de Atos 5.40,41 diz que açoitaram os apóstolos e lhes disseram que não falassem mais em nome de Jesus. A reação deles não é o que eu considero uma reação “normal”. Eles saíram “alegres por terem sido julgados dignos de sofrer afronta por causa do nome de Jesus”.

Eu me alegraria se sofresse humilhação e fosse espancada? Por que a reação deles é tão diferente? Como eles conseguem agir de maneira totalmente diferente da maioria de nós? É como se a realidade deles fosse outra ou como se enxergassem além do que o olho natural é capaz de ver. Em 2Reis 6, Eliseu ora por seu servo. Os dois homens estão cercados pelo exército da Síria. O servo de Eliseu está, naturalmente, angustiado. Eliseu conforta-o com estas palavras: “Não temas, porque há mais conosco do que com eles” (v. 16). Eu nunca fui muito boa em aritmética, mas sei que um exército sírio ultrapassa dois homens! Eliseu, então, ora para que Deus abra os olhos de seu servo. Descobrimos que o servo “vê” que “o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo em redor de Eliseu”. O que aconteceu? Ele recebeu olhos para enxergar a verdadeira realidade!

O que é essa verdadeira realidade que pode alterar tudo o que dizemos e fazemos? Quando uma pessoa se torna cristã, ela passa a enxergar a verdadeira realidade. A verdadeira realidade é o fato de que a humanidade está se afogando em um mar de pecado, sem ter como se salvar. A única esperança é clamar a Deus. Somente Jesus, o Messias, pode salvar. Se você se apegar a ele como seu Salvador, não será arrastado pelo mar do pecado, porque ele é a rocha da nossa salvação (At 4.10-12).

A passagem de 2Coríntios 5.17 diz: “Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação; as coisas velhas já passaram, e surgiram coisas novas”. Como se manifesta essa “novidade” de vida do cristão? Parece que a pergunta que Nicodemos faz a Jesus é compreensível: “Como um homem velho pode nascer? Poderá entrar no ventre de sua mãe e nascer pela segunda vez?” (Jo 3.4). Jesus responde a essa pergunta desconcertante no versículo 6: “O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito”. A implicação parece ser que o Espírito é diferente. Ele não se parece nada com a carne. Então, como podemos ainda permanecer em nosso corpo carnal e mesmo assim “andar” em “novidade de vida” (Rm 6.4)? O texto de 1Pedro 2.11 nos diz que somos “peregrinos e estrangeiros” na terra, o que significa que a terra não é nossa casa. Em vez disso, Efésios 2.19-22 explica, nosso lar está no céu, e *agora* somos “membros da família de Deus” (veja tb. 1Tm 3.15). Como podemos realmente ser parte da família de Deus *agora*? Vivemos na terra. Não estamos só em uma “órbita de espera” até que realmente morramos ou o mundo termine? Não estamos apenas ansiosos pelo tempo futuro, quando faremos parte da “família de Deus”?

Se as Escrituras dizem que *agora* somos membros da família de Deus e não estamos apenas vagando como “peregrinos” na terra, então onde é a casa de Deus, quem está lá e que diferença isso faz, afinal? A passagem de Hebreus 12.22-24 explica muito claramente onde nós estamos e quem está conosco:

Mas tendes chegado ao monte Sião, à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, ao incontável número de anjos em reunião festiva; à igreja dos primogênitos registrados nos céus, a Deus, o juiz de todos, aos espíritos dos justos aperfeiçoados; a Jesus, o mediador de uma nova aliança, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o sangue de Abel.

Quando nossos olhos da fé são abertos, assim como ocorreu com os do servo de Eliseu, o fato impressionante é que estamos na presença de Deus e de Jesus, o mediador de uma nova aliança. “Ele nos tirou do domínio das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho amado” (Cl 1.13). Nós estamos lá agora. Os cristãos são “pedras vivas [...] edificados como casa espiritual” (1Pe 2.5).

Quando Nancy, minha filha mais velha, tinha três anos, nossa família morava na Inglaterra. Na primavera daquele ano, Nancy e eu fomos convidadas para um piquenique em uma grande propriedade rural. Enquanto andávamos pela casa e pelos jardins, percebi que ela não estava nem um pouco impressionada com o

esplendor e a beleza daquela propriedade magnífica. Eu a chamei num canto e disse: “Nancy, eu sei que você é muito pequena, mas este lugar é especial. Procure lembrar-se deste dia”.

Nós, assim como minha filha, precisamos ser chamados num canto e ouvir que estamos — *agora* — no lugar mais especial de todos: o grandioso monte-templo de Deus.

Esse livro explicará em detalhes onde estamos e mostrará a beleza e o esplendor da nova Jerusalém, o templo do Deus vivo. O Templo físico de Israel, que podia ser visto a olho nu, não era mais que uma sombra da realidade celestial (Hb 9.24)! Que Deus abra nossos olhos para que possamos entender:

Bem-aventurado aquele  
 a quem escolhes e levas a ti,  
 para habitar em teus átrios!  
 Ficaremos satisfeitos com a bondade  
 da tua casa,  
 do teu santo templo (Sl 65.4).



# REDUÇÕES GRÁFICAS

Fontes antigas: foram usadas as abreviaturas padrão; autores e títulos são apresentados na íntegra no “Índice de fontes antigas”, na página 463.

AB	Anchor Bible
ABD	<i>Anchor Bible Dictionary</i>
AnBib	<i>Analecta Biblica</i>
AOP	Antigo Oriente Próximo
ArBib	The Aramaic Bible
ASOR	American School of Oriental Research
AT	Antigo Testamento
b.	<i>Talmude Babilônico</i>
BA	<i>Biblical Archaeologist</i>
BAGD	BAUER, W.; ARNDT, W. F.; GINGRICH, F. W.; DANKER, F. W. <i>A Greek-English lexicon of the New Testament</i> . 2. ed.
BAR	<i>Biblical Archaeology Review</i>
BBR	<i>Bulletin for Biblical Research</i>
BDAG	BAUER, W.; DANKER, F. W.; ARNDT, W. F.; GINGRICH, F. W. <i>A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature</i> . 3. ed.
BDB	BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A. <i>A Hebrew and English lexicon of the Old Testament</i>
BECNT	Baker Exegetical Commentary on the New Testament
BETL	Bibliotheca ephemeridum theologiarum lovaniensium
Bib	<i>Biblica</i>
BibO	Biblica et Orientica
BJS	Brown Judaic Studies
BNTC	Black's New Testament Commentaries
BRév	<i>Bible Review</i>

<i>BSac</i>	<i>Bibliotheca Sacra</i>
BZNW	Beihefte zur Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft
c.	cerca de
CBC	Cambridge Bible Commentary
<i>CBQ</i>	<i>Catholic Biblical Quarterly</i>
CBQMS	Catholic Biblical Quarterly Monograph Series
<i>CE</i>	<i>Critical Enquiry</i>
ConB	Coniectanea bíblica
<i>CT</i>	<i>Cuneiform Texts from Babylonian tablets in the British Museum</i>
<i>CTM</i>	<i>Concordia Theological Monthly</i>
<i>DSD</i>	<i>Dead Sea Discoveries</i>
<i>EBC</i>	<i>Expositor's Bible Commentary</i>
<i>ErIs</i>	<i>Eretz-Israel</i>
<i>ExpT</i>	<i>Expository Times</i>
frag(s).	fragmento(s)
FS	Festschrift
HNT	Handbuch zum Neuen Testament
HSMS	Harvard Semitic Monograph Series
<i>IBD</i>	<i>The illustrated Bible dictionary</i> , organização de J. D. Douglas
<i>IBS</i>	<i>Irish Biblical Studies</i>
ICC	International Critical Commentary
<i>JATS</i>	<i>Journal of the Adventist Theological Society</i>
<i>JBL</i>	<i>Journal of Biblical Literature</i>
<i>JEH</i>	<i>Journal of Ecclesiastical History</i>
<i>JETS</i>	<i>Journal of the Evangelical Theological Society</i>
<i>JJS</i>	<i>Journal of Jewish Studies</i>
<i>JR</i>	<i>Journal of Religion</i>
<i>JSNTS</i>	<i>Journal for the Study of the New Testament Supplement Series</i>
KJV	King James Version
<i>JTS</i>	<i>Journal of Theological Studies</i>
LXX	Septuaginta
<i>m.</i>	<i>Mishná</i>
MMM	Manuscritos do Mar Morto
MNTC	Moffatt New Testament Commentary
NA <sup>27</sup>	Nestle–Aland, <i>Novum Testamentum Graece</i> , 27. ed. (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993).

NAC	The New American Commentary
NASB	New American Standard Bible
NCB	New Century Bible
<i>Neot</i>	<i>Neotestamentica</i>
NICNT	The New International Commentary on the New Testament
NICOT	The New International Commentary on the Old Testament
<i>NIDOTTE</i>	<i>New international dictionary of Old Testament theology and exegesis</i> , organização de W. A. VanGemeren
NIGTC	New International Greek Testament Commentary
NVI	Nova Versão Internacional
NIVAC	NIV Application Commentary
<i>NLH</i>	<i>New Literary History</i>
NT	Novo Testamento
<i>NTS</i>	<i>New Testament Studies</i>
NumSup	Numen Supplements
NIV	New International Version
OLA	Orientalia lovaniensia analecta
<i>RevQ</i>	<i>Revue de Qumran</i>
RSMS	Religious Studies Monograph Series
<i>SBLA</i>	<i>Society of Biblical Literature Abstracts</i>
SBLDS	Society of Biblical Literature Dissertation Series
SBLEJL	Society of Biblical Literature Early Judaism and its Literature
SBLSP	Society of Biblical Literature Seminar Papers
SBLWAW	Society of Biblical Literature Writings from the Ancient World
s.d.	sem data
SHR	Studies in the History of Religions
SNTS	Society for New Testament Studies
SNTSMS	Society for New Testament Studies Monograph Series
SP	Sacra Pagina
SPB	Studia Post-Biblica
SubB	Subsidia Biblica
<i>TDNT</i>	<i>Theological dictionary of the New Testament</i> , organização de G. Kittel; G. Friedrich
<i>TDOT</i>	<i>Theological dictionary of the Old Testament</i> , organização de J. Botterweck; H. Ringgren
<i>Tg.</i>	<i>Targum</i>

<i>Them</i>	<i>Themelios</i>
TM	Texto Massorético
TNTC	Tyndale New Testament Commentary
<i>TynB</i>	<i>Tyndale Bulletin</i>
<i>VT</i>	<i>Vetus Testamentum</i>
VTSup	Vetus Testamentum Supplement
WBC	Word Biblical Commentary
WC	Westminster Commentaries
<i>WTJ</i>	<i>Westminster Theological Journal</i>
WUNT	Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament
y.	Talmude de Jerusalém
ZAW	<i>Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft</i>

# INTRODUÇÃO

## **A visão final do Apocalipse e suas implicações para uma teologia bíblica do templo**

O trecho de Apocalipse 21.1—22.5 contém a bem conhecida e muito debatida visão final de toda a Bíblia. Há, porém, um grande problema que passa quase despercebido. Por que João vê “um novo céu e uma nova terra” em Apocalipse 21.1, mas, em 21.2,3 e em 21.10—22.3, ele vê uma cidade que é como um jardim, na forma de um templo? Por que João não vê um panorama completo dos novos céus e terra? Por que ele não vê as muitas florestas, rios, montanhas, riachos, vales e muitas outras características de uma fértil nova criação mundial? Alguns podem atribuir a aparente discrepância à natureza irracional que as antigas visões e os antigos sonhos apocalípticos poderiam ter, embora isso seja difícil de aceitar quando se trata de uma visão que João alega ter sua origem em Deus (cp. 21.9 com Ap. 1.1 e 22.6, por exemplo). Além disso, de que maneira essa visão se relaciona com os cristãos e seu papel no cumprimento da missão da igreja, uma questão com a qual João esteve absorto ao longo de todo o Apocalipse?

Portanto, depois de dizer inicialmente que viu “um novo céu e uma nova terra”, João se concentra apenas em uma cidade-templo arbórea no restante da visão. As dimensões e características arquitetônicas da cidade nesses versículos são, em grande parte, tiradas de Ezequiel 40—48, uma profecia acerca das dimensões e características arquitetônicas de um templo futuro (v. 2,10-12; 21.27—22.2). As pedras preciosas que formam o alicerce em Apocalipse 21.18-21 refletem a descrição do Templo de Salomão, que também era revestido de ouro e cujo alicerce era composto por pedras preciosas: veja, respectivamente, 1Reis 6.20-22 (e 5.17) e 7.9,10, e observe-se que as dimensões de Apocalipse 21.16 (“era igual [...] de comprimento, de largura e de altura”) estão baseadas nas dimensões do “lugar santíssimo” de 1Reis 6.20 (em que o Santo dos Santos “tinha [...] de comprimento, [...] de largura e [...] de altura” a mesma medida).

Como podemos explicar a aparente discrepância entre João ter visto uma nova criação, no versículo 1, e depois ter observado apenas uma cidade com a forma e a estrutura de um templo, no restante da visão? Claro que é possível que ele tenha visto primeiro o novo mundo e, depois, tenha visto uma cidade-templo *naquele* mundo. Mas não é provável que isso tenha ocorrido, porque ele parece equiparar o “novo céu e uma nova terra” com a descrição da cidade-templo que vem logo a seguir.

Essa equiparação do novo mundo com a cidade-templo torna-se mais clara quando se começa a pensar sobre Apocalipse 21.27, que diz que “não entrará coisa alguma impura” no templo urbano. Nesse sentido, é importante lembrar que, no AT, qualquer impureza deveria ser mantida fora dos limites do Templo (e.g., 2Cr 23.19; 29.16; 30.1-20). O fato de Apocalipse 21.27 dizer que nenhuma impureza podia entrar nesse templo incomum indica que os perímetros da nova cidade-templo abrangerão toda a nova criação. Essa observação provavelmente significa que nenhuma impureza poderá entrar no novo mundo. A equivalência entre a cidade-templo e o novo mundo fica ainda mais evidente em 22.15, com a exclusão de todos os impuros da nova cidade, o que significa que eles também não poderão habitar a nova criação, uma vez que estarão no lago de fogo para sempre (veja o cap. 9 deste livro).

Outra observação indica a igualdade entre o novo cosmo e a cidade-templo. A passagem de Apocalipse 21.1 começa, como temos observado, com a visão de João de “um novo céu e uma nova terra”, seguida por sua visão da “nova Jerusalém, que descia do céu” (v. 2), e, depois disso, ele ouve “uma forte voz” proclamando que “o tabernáculo de Deus está entre os homens, pois habitará com eles” (v. 3). É provável que a segunda visão, no versículo 2, interprete a primeira visão do novo cosmo, e o que é ouvido sobre o tabernáculo no versículo 3 interprete os versículos 1 e 2. Nesse caso, a nova criação do versículo 1 é idêntica à “nova Jerusalém” do versículo 2, e ambas representam a mesma realidade que o “tabernáculo” do versículo 3.

O padrão de “ver-ouvir” em outras partes do Apocalipse sugere que os versículos 1 a 3 se referem à mesma realidade. Em outros trechos do livro, o que João vê é interpretado pelo que ele ouve, ou vice-versa. Um bom exemplo é Apocalipse 5.5, em que João *ouve* falar de um “Leão da tribo de Judá” que “venceu”. No versículo 6, João *vê* um cordeiro morto investido de autoridade, o que explica como o cordeiro messiânico venceu: ele conquistou a vitória, ironicamente, ao morrer como “cordeiro morto”.